

A ARTE DO AZULEJO EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII-XVIII: À (RE)DESCOBERTA DOS SEUS MESTRES

THE ART OF THE TILE IN PORTUGAL IN THE SEVENTEENTH AND EIGHTEENTH CENTURIES: (RE)DISCOVERING ITS MASTERS

Miguel Portela
Investigador
magelo2001@gmail.com

RESUMO

Pretendemos, com este estudo, dar a conhecer elementos da maior relevância para o percurso da vida e obra de alguns mestres ligados à arte da azulejaria em Portugal, em particular, dos ladrilhadores António de Abreu, Domingos da Cruz, Manuel da Mata, Pedro de Almeida, Matias Batista Lisboa, Dionísio de Araújo, e dos oleiros Manuel dos Santos e Miguel de Azevedo.

Procuraremos, ainda, elencar documentos que nos permitem traçar o seu percurso familiar, assim como alguns acontecimentos do seu caminho profissional e artístico, entre o final do século XVII e as primeiras décadas do século XVIII.

Por fim, propomo-nos, através de um conjunto de novos dados, alargar o conhecimento sobre estes mestres ladrilhadores, oleiros e pintores de louça no contexto do *Ciclo dos Mestres*, firmando e dando consistência e rigor aos elementos elencados que nos permitiram (re)descobrir a arte da azulejaria em Portugal nesse período.

PALAVRAS-CHAVE

Azulejo | Ladrilhador | Oleiro | Pintor de louça

ABSTRACT

In this study, we intend to present the most relevant elements concerning the life and work of some of the masters associated with the art of tiling in Portugal, in particular the tilers António de Abreu, Domingos da Cruz, Manuel da Mata, Pedro de Almeida, Matias Batista Lisboa, Dionísio de Araújo, and the potters Manuel dos Santos and Miguel de Azevedo.

We will also seek to list documents that allow us to trace their family's history as well as some events of their professional and artistic path between the end of the seventeenth century and the first decades of the eighteenth century.

Finally, through a set of new data, we propose to broaden the knowledge about these masters tilers, potters and crockery painters in the context of the *Masters' Cycle*, establishing and giving coherence and accuracy to the elements that have allowed us to (re)discover the art of tiling in Portugal during this period.

KEYWORDS

Tile | Tiler | Potter | Crockery painter

INTRODUÇÃO

Entre o final do século XVII e as primeiras décadas do século XVIII assistiu-se, em Portugal, a uma renovação artística de um número significativo de edifícios religiosos, públicos e civis. A arte portuguesa, nessa época, conheceu um significativo florescimento de diversos ofícios, muito em particular dos vidreiros, pintores, escultores, entalhadores, ladrilhadores, azulejadores, pintores de louça, entre tantos outros.¹

Nesse período realça-se um gosto por um envolvimento decorativo mais exuberante, interagindo de forma única e sublime o azulejo com a pintura e com a talha, culminando todo o processo criativo na designada *obra de arte total*, tendo os pintores aduzido às suas obras uma original espontaneidade na aplicação mais despreendida e pictural das gravuras.

Investigar a azulejaria portuguesa nas mais diversas formas e componentes implica, antes de mais, reconhecer esta arte na sua relevância e especificidade mais ampla e alargá-la, quer na História da Arte, quer em outros ramos do saber, numa dimensão multidisciplinar.

Tivemos a oportunidade de, numa ampla investigação sobre fontes documentais modernas, efetuada ao longo dos últimos anos, sobre a região estremenha, recolher um grande número de documentos históricos. Neste contexto, foi realizada uma árdua pesquisa, sobretudo no que respeita à vida económica, administrativa, social e religiosa dos seus moradores, existente em vários arquivos.

Como resultado dessa investigação, foi-nos possível dar a conhecer novos dados genealógicos e reconstituir as biografias do pintor de azulejos, Teotónio dos

Santos (Portela, 2016c: 21), e dos ladrilhadores Francisco dos Santos² (Portela, 2016a), Manuel Clemente (Portela, 2016d: 124-125) e Manuel da Silva (Portela, 2016b: 8-9), bem como documentar algumas obras por eles executadas que, em alguns casos, estavam atribuídas a outros artistas.

Procuraremos seguidamente, e através de um conjunto de novos dados, visitar a biografia de alguns artistas ligados à arte da azulejaria portuguesa, alargando o conhecimento e divulgando elementos do percurso da vida e obra desses artistas, em particular dos ladrilhadores António de Abreu, Domingos da Cruz, Manuel da Mata, Pedro de Almeida, Matias Batista Lisboa, Dionísio de Araújo, e dos oleiros Manuel dos Santos e Miguel de Azevedo.

Este estudo apresenta novas linhas de investigação no que à genealogia destes artistas diz respeito, tendo sido possível traçar o seu perfil familiar de uma forma precisa. A informação que aqui se publica tem múltiplas implicações, principalmente ao nível das parcerias de trabalho em diversas empreitadas artísticas, não só entre elementos ligados à arte do azulejo, mas também a um conjunto de indivíduos ligados a outras dinâmicas artísticas, nomeadamente, a pintores, entalhadores, etc.

1. Seja-nos permitido referenciar Vítor Serrão, que nos dá uma visão, ainda que sucinta, da importância da azulejaria no contexto da arte portuguesa (Serrão, 2003: 209-225). Com a obra *Revestimentos Cerâmicos Portugueses. Meados do século XIV à primeira metade do século XVI*, a problemática da cerâmica do azulejo em Portugal ganhou uma nova dinâmica, dimensão e alcance, abrindo novas abordagens e caminhos no campo da investigação (Trindade, 2007). De idêntico modo, atente-se no alcance da linguagem brutesca na azulejaria portuguesa e dos seus mais diversos interlocutores, nomeadamente, pintores-brutescadores e azulejadores (Serrão, 2012: 183-200), assim como das relações artísticas entre pintores a óleo e de azulejo (Flor, 2011: 291-307). Veja-se também o enquadramento do estado da arte do azulejo em (Carvalho, 2012: 18-53) e, sobre o *Ciclo dos Mestres*, vejamos as várias considerações com a respetiva bibliografia analisada e documentada por (Carvalho, 2012: 334-361).

2. Temos presente que Francisco dos Santos surge no contrato celebrado em 22 de abril de 1718 com os oficiais da Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Peniche designado como mestre pintor de azulejos (Portela, 2016a).

O OLEIRO MANUEL DOS SANTOS²

Manuel dos Santos³, filho do mestre oleiro João Francisco⁴ e de sua primeira mulher Cipriana Luís, foi batizado em 10 de novembro de 1658, na paróquia de Santa Catarina em Lisboa.⁵ Deste casamento nasceu Benta Maria,⁶ cujo batismo foi celebrado em 3 de fevereiro de 1662. Cipriana Luís⁷ veio a falecer na rua defronte de São Bento, poucos meses depois do nascimento desta filha, em 4 de dezembro de 1662.

No ano seguinte, em 8 de abril de 1663, o entretanto viúvo João Francisco⁸ contraiu matrimónio com Maria Gomes, filha de Pedro Mendes e Isabel Marques, natural de Porto de Brandão. Constatamos, também, que Maria Gomes⁹ faleceu em 26 de janeiro de 1683 e João Francisco,¹⁰ novamente viúvo, em 19 de agosto de 1686.

No matrimónio de Domingos Gonçalves¹¹ com Francisca dos Santos, celebrado em 29 de dezembro de 1697, Manuel dos Santos surge arrolado como oficial de oleiro, juntamente com Lucas da Costa, também oleiro.¹²

Conhecemos ainda um segundo Manuel dos Santos, pintor de loiça, morador ao pé de Nossa Senhora do Monte, na freguesia dos Anjos,¹³ que entrou na Irmandade de Nossa Senhora da Doutrina da Igreja de S. Roque em 22 de abril de 1686 (Coutinho e Ferreira, 2014: 217). Em 21 de março de 1703, Manuel dos Santos¹⁴ figura como oleiro, morador na freguesia dos Anjos em Lisboa, tendo ficado registado enquanto testemunha no casamento de Benedito Bino, natural de Génova, com Teresa de Jesus.

3. Os documentos que referiremos relativos à genealogia do oleiro Manuel dos Santos encontram-se publicados (Portela, 2017: 9). Não devemos confundir Manuel dos Santos, oleiro, com um seu homónimo, D. Manuel dos Santos, pintor espanhol, o qual exerceu a sua atividade em Portugal na primeira metade do século XVIII, tendo falecido em 26 de janeiro de 1757, enquanto morador na calçada de Santa Ana na freguesia da Pena, em Lisboa. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Arquivo Distrital de Lisboa (A.D.L.), Livro de Óbitos da Paróquia da Pena [1743-1762], Livro O6, Caixa n.º 29, assento n.º 4, fl. 102. De igual modo, não deve ser confundido o referido Manuel dos Santos, oleiro, com um seu outro homónimo Manuel dos Santos, pintor, casado com Luísa Francisca, que entrou na Irmandade de S. Lucas em 22 de outubro de 1702 (Teixeira, 1931: 76) e que já era falecido em 1723, inviabilizando a possibilidade de ser este pintor aquele que pintou, por exemplo, os azulejos da Igreja da Misericórdia de Olivença. Sobre o pintor de azulejos Manuel dos Santos destacamos o relevante estudo de José Meco (1980: 75-158), assim como a análise feita à sua obra por Rosário Salema de Carvalho (2012: 302-314). Sobre a dificuldade de identificação entre os vários pintores com o nome de Manuel dos Santos, veja-se ainda (Flor e Flor, 2016: 152-154).
4. Não devemos confundir este João Francisco com um seu homónimo casado com Catarina Lopes, o qual vivia em 1674 na Rua de Marcos Marreiros, em Santa Catarina (Coutinho et al., 2011: 40-41), nem com outro seu homónimo casado com Faustina Maria, que faleceu por volta de 1732 e que era pai de Agostinho dos Santos, Bartolomeu de Assunção e Antónia Maria, o qual viveu em Santos-o-Velho (Mangucci, 1996: 163). Vergílio Correia, em 1918, referiu em relação ao oleiro que nos ocupa e à Olaria da Travessa de Bento da Silva, em Santa Catarina (2.ª Travessa dos Poiaes) que “Em 1670 encontramos estabelecido na sua olaria «defronte da Orta de S. Bento», a João Francisco, oleiro, em cuja casa vivem tres empregados. Em 1663, o Rol de Santa Catarina menciona-o como morando, mais os seus cinco officiaes, à frontaria de S. Bento, logo a seguir a Travessa do Oleiro. Em 1677 e 1680 o local onde habita é designado pela Travessa de Bento da Silva, a segunda da rua dos Poiaes” (Correia, 1918: 177-178). Estes dados fornecidos por Vergílio Correia, em 1918, são comprovados com os dados recolhidos no Rol dos Confessados da paróquia de Santa Catarina publicados por (Coutinho et al., 2011: 3-62), permitindo asseverar a veracidade de que o oleiro João Francisco que tratamos é o mesmo a que se refere Vergílio Correia.
5. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia de Santa Catarina [1648-1674], Livro B5, Caixa n.º 4, assento n.º 7, fl. 72v.
6. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia de Santa Catarina [1648-1674], Livro B5, Caixa n.º 4, assento n.º 4, fl. 105.
7. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1652-1674], Livro O5, Caixa n.º 54, assento n.º 3, fl. 58v.
8. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1659-1672], Livro C3, Caixa n.º 33, assento n.º 1, fl. 41.
9. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1652-1674], Livro O5, Caixa n.º 54, assento n.º 5, fl. 70.
10. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1652-1674], Livro O5, Caixa n.º 54, assento n.º 4, fl. 100.
11. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Anjos [1692-1719], Livro C3, Caixa n.º 24, assento n.º 1, fl. 99.
12. Importa referir a existência de um oleiro de loiça pintada de nome Manuel dos Santos, morador no Mocambo, em Santos-o-Velho, que figurou como testemunha no testamento de Manuel Nunes Guizado, também este oleiro de loiça pintada (Simões, 2002: 80-82). Este oleiro assinou o referido testamento de cruz pelo que não corresponde aos já aludidos seus homónimos, o pintor Manuel dos Santos, ou mesmo ao oleiro Manuel dos Santos, que vimos referindo. É de salientar que no seu estudo sobre as Olarias de Louça e Azulejo da Freguesia de Santos-o-Velho, Celso Mangucci não refira em momento algum a presença de Manuel dos Santos nessa freguesia no período em estudo (Mangucci, 1996).
13. Em 3 de maio de 1704, Miguel de Azevedo, cunhado de Manuel dos Santos era morador ao *Pé do Monte*, na freguesia dos Anjos, sendo então testemunha no casamento de Manuel Ferreira com Maria da Costa. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santos-o-Velho [1696-1706], Livro C6, Caixa n.º 40, assento n.º 3, fls. 115-115v.
14. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1695-1707], Livro C6, Caixa n.º 34, assento n.º 1, fl. 208v.



Fig. 01· Vista da cidade de Lisboa (Lisbone, ville capitale du Royaume de Portugal située a l^e embouchure du Tage / gravee par Aveline), Pierre Aveline, 1656-1722 (fot. de Biblioteca Nacional de Portugal, e-1314-v.)

O testamento de Miguel de Azevedo, lavrado em 30 de outubro de 1711, veio documentar o nome de “Vicente Mendiz official delle Manoel dos Santos”, sendo este referido nessa data como “Manoel dos Santos oleiro de louça vermelha”, o que nessa especialidade parece distingui-lo do pintor de louça.¹⁵

Também devemos distinguir os oleiros de nome Manuel dos Santos, do pintor de azulejos Manuel dos Santos. No que se refere aos painéis da capela-mor da Igreja do Espírito Santo do Montijo, cuja data de 1708 se encontra assinalada numa das barras sobre uma das portas laterais, José Meco afirma “com algumas reservas que estes painéis sejam de Manuel dos

Santos, que não só os teria realizado num espaço de tempo muito curto como ensaiaria uma forma nova e mais pictural de expressão artística” (Meco, 1980: 144-145)¹⁶. Rosário Salema de Carvalho segue o mesmo entendimento afirmando, ainda, e no que concerne às molduras desses painéis, que as mesmas estão associadas a revestimentos de António Pereira (Carvalho, 2012: 418). Na verdade, esses painéis de azulejos, assim como os da capela de Nossa Senhora da Purificação, no mesmo templo, podem ter sido executados por Manuel dos Santos, como tem sido proposto, pois sabemos que Manuel dos Santos,¹⁷ morador nas olarias da cidade de Lisboa, se deslocou a esta igreja no dia 3 de junho de 1708, onde foi

15. Este testamento encontra-se citado por (Carvalho 2012: 97), e publicado por (Portela 2017d: 9).

16. Veja-se também, a sintetização dos elementos colhidos por Rosário Salema de Carvalho numa ficha resumo sobre a Igreja do Espírito Santo no Montijo no anexo B da sua tese (Carvalho, 2012: 996-1000).

17. Arquivo Distrital de Setúbal, Livro de Batismos da Paróquia do Montijo [1688-1722], Cota 13/5913/6, assento n.º 4, fl. 148v, “< Antonia > Aos trez de junho de setecentos e oito baptizei a pus os Santos oleos a Antonia filha de Joseph Pereira mareante e de Iignes Cardoza sua mulher. Padrinho Manoel dos Santos morador nas Olarias em Lisboa. (a) O Prior Antonio Catella”.

padrinho de batismo de Antónia, filha de José Pereira e de Inês Cardoso. Contudo, a identificação desse Manuel dos Santos, morador em 1708 nas olarias da cidade de Lisboa, com o pintor de azulejos, deverá

ser aceite com algumas reservas dada a existência de vários homónimos a trabalhar na mesma zona, conforme já referimos.

O LADRILHADOR ANTÓNIO DE ABREU¹⁸

António de Abreu, filho de António de Abreu e de sua mulher Maria de Almeida, foi batizado na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, em 2 de julho de 1685.¹⁹ António de Abreu era irmão de Pedro de Almeida, ladrilhador, e de José de Almeida, pintor, conforme documentamos neste estudo.

Em 5 de abril de 1701, António de Abreu surge inscrito na Irmandade de Nossa Senhora da Doutrina da Igreja de São Roque em Lisboa, sendo arrolado como ladrilhador, morador na rua do Carvalho, nas Mercês (Coutinho e Ferreira, 2014: 164).

A primeira referência a António de Abreu²⁰ enquanto azulejador é-nos dada a conhecer num registo de batismo, datado de 16 de maio de 1697, de duas irmãs gémeas, Maria e Teresa, filhas de dois escravos, as quais tiveram como padrinhos António de Abreu e José de Almeida, pintor.²¹ De igual modo, em 9 de fevereiro de 1698, António de Abreu surge referenciado como ladrilhador no registo de casamento de Manuel Ferreira com Margarida Salvador.²²

Constatamos que António de Abreu casou uma primeira vez, em 14 de fevereiro de 1700, na igreja de Santa Catarina, em Lisboa, com Maria do Nascimento,

filha de João Antunes e de Maria Francisca, tendo assistido nesse ato, como testemunhas, António Antunes, ladrilhador, morador na rua do Pé de Ferro, em Santos-o-Velho, e António João, pedreiro, morador na rua das Partilhas.²³ Deste matrimónio nasceu Marcelina, batizada em 13 de junho de 1703, e cujos padrinhos foram Egídio Lestam e Maria Moreira.²⁴

Maria do Nascimento faleceria pouco tempo depois do nascimento da filha Marcelina pelo que, em 29 de julho de 1705, António de Abreu contraiu novo matrimónio com Maria do Ó, filha de João Rodrigues Negrão e de Maria João.²⁵ Deste casamento nasceram, entre outros filhos, António²⁶, que foi batizado em 27 de abril de 1707, tendo assistido como padrinhos Manuel Antunes, pedreiro e Maria dos Santos mulher de José Rodrigues Negrão; Pedro²⁷, que foi batizado em 11 de julho de 1709, tendo assistido como padrinho António Pereira, ladrilhador; Manuel,²⁸ que foi batizado em 1 de maio de 1711, tendo assistido como padrinho, Francisco dos Santos²⁹, ladrilhador; Joana,³⁰ que foi batizada em 8 de junho de 1713, tendo assistido como padrinho Felipe de Souza, e ainda Roberto,³¹ que foi batizado em 3 de abril de 1721, tendo assistido como padrinho, o já supra referido Francisco dos Santos.

18. Tenhamos presente que António de Abreu surge nos anos de 1697 e 1711 designado como azulejador.

19. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia das Mercês [1622-1685], Livro B1, Caixa n.º 1, assento n.º 4, fl. 191v.

20. Os documentos que aqui apresentamos encontram-se publicados em (Portela, 2017b: 9).

21. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia das Mercês [1685-1746], Livro B2, Caixa n.º 2, assento n.º 3, fl. 68v.

22. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia das Mercês [1697-1761], Livro C2, Caixa n.º 20, assento n.º 1, fl. 6.

23. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1695-1700], Livro C6, Caixa n.º 34, assento n.º 1, fl. 122.

24. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia de Santa Catarina [1701-1721], Livro B8, Caixa n.º 4, assento n.º 4, fl. 29v.

25. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia das Mercês [1697-1761], Livro C2, Caixa n.º 20, assento n.º 2, fl. 44v.

26. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia das Mercês [1685-1746], Livro B2, Caixa n.º 2, assento n.º 7, fl. 124v.

27. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia das Mercês [1685-1746], Livro B2, Caixa n.º 2, assento n.º 4, fl. 137v.

28. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia de Santa Catarina [1701-1721], Livro B8, Caixa n.º 4, assento n.º 2, fl. 137v.

29. Relembramos que Pedro de Almeida, ladrilhador, irmão de António de Abreu, foi testamenteiro de Francisco dos Santos.

30. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia de Santa Catarina [1701-1721], Livro B8, Caixa n.º 4, assento n.º 5, fl. 165v.

31. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia de Santa Catarina [1721-1731], Livro B9, Caixa n.º 5, assento n.º 3, fl. 4. Roberto veio a falecer em 24 de abril de 1725, A.N.T.T., A.D.L., Livro de óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1721-1749], Livro O1, Caixa n.º 54, assento n.º 3, fl. 24v.

António de Abreu é referido em mais alguns atos paroquiais enquanto testemunha, surgindo arrolado como azulejador no registo casamento de Manuel da Silva³² com Maria Josefa, celebrado em 14 de janeiro de 1711, onde também figura como testemunha José Vicente, entalhador; e como ladrilhador no registo de casamento de José Caetano³³ com Maria de Jesus, celebrado em 26 de outubro de 1720. De idêntico modo, António Abreu surge referido como testemunha em alguns atos notariais, sobretudo num contrato de obrigação entre Nicolau Morum e o mestre pedreiro Domingos António, celebrado em 5 de fevereiro de 1705, ou numa obrigação entre o carpinteiro António João e Páscoa Francisca (Carvalho, 2012: 62).

As relações estabelecidas entre diversos artistas podem ser alargadas a pintores de outras modalidades, conforme se pode observar em documentação lavrada em 13 de novembro de 1712, onde António de Abreu “surge envolvido numa complexa documentação que se relaciona com António de Oliveira ladrilhador e, eventualmente, com António de Oliveira Bernarde, e com a obra dos claustros do Convento de Jesus. Nessa data recebeu três mil réis: “Em dito despendeu o dito síndico três mil reis / que tantos se entregaram ao N. J. [I] António de Abreu / por conta do assento do azulejo que faz nos claustros e de como os recebeu assinou comigo / Padre Bento Francisco

Garcez e Serreat. / António de Abreu” (Carvalho, 2012, 62). De igual modo, tenha-se em atenção o facto de António Abreu ter sido testemunha, em 24 de novembro de 1712, de uma quitação de Catarina Santos a José Ferreira de Araújo, este último representado pelo cunhado António de Oliveira Bernardes, que se reporta a uma nota lavrada em 30 de abril de 1698 (Carvalho, 2012: 62).

Em 1722, antes de falecer, António de Abreu recebeu a encomenda do revestimento para a Igreja da Misericórdia de Salvador, no Brasil (Carvalho, 2012: 62).

António de Abreu faleceu na rua do Almada, em 17 de julho de 1722, tendo sido sepultado no Convento de Nossa Senhora de Jesus, não tendo feito testamento.³⁴ Maria do Ó, viúva, veio a falecer em 12 de fevereiro de 1743, tendo sido sepultada no referido Convento.³⁵

As relações familiares e profissionais dos irmãos ladrilhadores António de Abreu e Pedro de Almeida são visíveis na presença de ambos, por exemplo, num contrato de obrigação entre Nicolau Morum e o mestre pedreiro Domingos António, celebrado em 5 de fevereiro de 1705, onde António de Abreu e Pedro de Almeida surgem como testemunhas (Carvalho, 2012: 62).

O LADRILHADOR DOMINGOS DA CRUZ

Escassos são os elementos relativos a Domingos da Cruz,³⁶ o qual sabemos que residiu na Carreira dos Cavalos, freguesia dos Anjos, em Lisboa, onde veio a falecer em 7 de julho de 1693, tendo sido casado com Natália da Silva.

Em 29 de abril de 1680, Domingos da Cruz surge inscrito na Irmandade de Nossa Senhora da Doutrina

da Igreja de São Roque em Lisboa, sendo arrolado como ladrilhador, morador à Carreira dos Cavalos, nos Anjos (Coutinho e Ferreira, 2014: 164).

Sabemos que Domingos da Cruz e Manuel Clemente, ambos juizes do ofício de ladrilhador, e Domingos Antunes, escrivão do mesmo ofício, figuram na carta de exame e aptidão passada por estes, em 10 de

32. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia das Mercês [1697-1761], Livro C2, Caixa n.º 20, assento n.º 2, fl. 70.

33. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1718-1724], Livro C8, Caixa n.º 35, assento n.º 1, fl. 72.

34. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1698-1724], Livro O7, Caixa n.º 55, assento n.º 2, fl. 166.

35. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1738-1753], Livro O9, Caixa n.º 55, assento n.º 5, fls. 71-71v.

36. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia dos Anjos [1687-1716], Livro O2, Caixa n.º 36, assento n.º 2, fl. 68. Após a sua morte, Natália da Silva casa novamente, na paróquia dos Anjos, em 21 de agosto de 1694, com João Antunes, viúvo de Maria Josefa da Encarnação, que havia falecido em 23 de dezembro de 1692 na freguesia de S. Sebastião da Pedreira. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia dos Anjos [1692-1719], Livro C3, Caixa n.º 24, assento n.º 1, fl. 40v.

dezembro de 1685, a João Neto da Costa, natural de Viana do Conde, que pretendia exercer o ofício de ladrilhador na Comarca do Porto (Basto, 1964: 197).

Os dados mais relevantes surgem no seu testamento, lavrado em 4 de julho de 1693, e dado a conhecer por João Miguel Simões (2002: 71-73). Nele refere-se que não tinha filhos nem herdeiros, ficando sua

esposa, Natália da Silva, como herdeira de seus bens. Declara, também, que o Conde de São Lourenço lhe devia dinheiro da obra que corria por ordem de João Rebelo de Campos. De igual modo, lhe deviam Francisco de Barros, filho de Amaro de Barros, 65 000 réis, bem como o Secretário de Estado 160 000 réis, dos quais lhe deveriam tirar 70 000 réis para pagar a Manuel Ferreira, oleiro do azulejo (Simões, 2002: 71-73).

O LADRILHADOR MANUEL DA MATA

Manuel da Mata,³⁷ natural da freguesia de São Pedro da cidade de Coimbra, filho de António da Mata e de Maria Simoa, morador na freguesia de São José, em Lisboa, foi casado com Maria Pinheira,³⁸ a qual faleceu em 7 de outubro de 1656, tendo sido sepultada na Igreja de Santo André, em Lisboa.

Em 8 de novembro de 1670, Manuel da Mata declara que azulejou uma casa e um escritório sito na rua Larga de São Roque, pertencente ao Padre Manuel Soares.³⁹

Anos mais tarde, e em 25 de março de 1674, Manuel da Mata contraiu matrimónio novamente, tendo desposado Mariana da Costa, filha de João Baltasar e de Jerónima Gonçalves, e viúva de Pedro Garcia, que havia falecido na Índia. Assistiram a este ato como testemunhas “João da Silva Leão morador nesta freguesia na Rua da Esperança, cavaleiro do habito de S. Tiago e Francisco Rodriguez cobeiro morador no Campo de Santa Anna freguesia de Santa Ana”.⁴⁰

Manuel da Mata⁴¹ veio a falecer em 8 de abril de 1697, tendo sido sepultado na Igreja de Santa Catarina, em Lisboa.

O LADRILHADOR PEDRO DE ALMEIDA⁴²

Pedro de Almeida⁴³ filho de António de Abreu e de sua mulher Maria de Almeida, foi batizado na Igreja de Nossa Senhora das Mercês, em 3 de maio de 1676.

Contraiu matrimónio, na Misericórdia de Lisboa, em 2 de julho de 1700, com Antónia Maria⁴⁴, filha de João de Miranda e de Júlia Maria.

37. Sobre o ladrilhador Manuel da Mata veja-se a informação publicada, ainda que de modo mais reduzido em (Carvalho, 2012: 77-78).
38. A.N.T.T., A.D.L., Livro Misto de Batismos, Casamentos e Óbitos da Paróquia de Santo André [1645-1695], Livro M2, Caixa n.º 1, assento n.º 1, fl. 151.

39. Documento transcrito por (Sequeira, 1939: 240).

40. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1672-1684], Livro C4, Caixa n.º 34, assento n.º 1, fl. 30, documento publicado em (Flor, 2011: 301).

41. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1675-1698], Livro O6, Caixa n.º 55, assento n.º 3, fl. 175v, documento publicado em (Flor, 2011: 301).

42. Relevante referir que só após 1731 surge referido em diversa documentação como “Pedro de Almeida mestre azelegador”, conforme se comprova nas referências documentais apresentadas neste estudo, sendo nas restantes referido como ladrilhador. Sobre este ladrilhador veja-se os documentos publicados em (Portela, 2017c: 21), assim como algumas notas em que é referido só e apenas como ladrilhador (Carvalho, 2011: 99-100).

43. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia das Mercês [1622-1685], Livro B1, Caixa n.º 1, assento n.º 2, fl. 101v.

44. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia da Encarnação [1694-1708], Livro 4, Caixa n.º 15, assento n.º 2, fl. 134.

Em 1 de janeiro de 1701, Pedro de Almeida surge inscrito na Irmandade de Nossa Senhora da Doutrina da Igreja de São Roque em Lisboa, sendo arrolado como ladrilhador, morador na rua das Partilhas, nas Mercês (Coutinho e Ferreira, 2014: 164).

Pouco tempo depois, em 5 de março de 1702, o seu pai, António de Abreu,⁴⁵ falecia na freguesia das Mercês, em Lisboa. A sua mãe, Maria de Almeida,⁴⁶ veio a falecer em 12 de novembro de 1706.

Do consórcio de Pedro de Almeida com Antónia Maria nasceram, entre outros filhos, Francisca,⁴⁷ que foi batizada em 10 de janeiro de 1706; Maria,⁴⁸ que foi batizada em 27 de junho de 1708, tendo assistido a esse ato como padrinho, o entalhador José Rodrigues Ramalho⁴⁹ e pela madrinha, apresentou-se José de Almeida, pintor, irmão de Pedro de Almeida; Joana,⁵⁰ batizada em 4 de julho de 1709; Maria,⁵¹ batizada em 7 de setembro de 1710, tendo assistido como padrinho o já referido José Rodrigues Ramalho e António,⁵² batizado em 4 de abril de 1716.

Pedro de Almeida é, na maior parte das vezes, referido como ladrilhador, sobretudo em 5 de fevereiro de 1705, quando foi testemunha numa escritura de obrigação quando Nicolau Morum assinou uma obrigação com Domingos António, mestre pedreiro, e outros, para as obras de sua casa (Carvalho, 2011: 99); em 25 de fevereiro desse ano, como testemunha de uma escritura de Rafael Correia, mestre pedreiro (Carvalho, 2011: 99) e em 22 de março do citado ano, como testemunha de uma obrigação entre o ladrilhador João de Oliveira, sua mulher e a congregação de Nossa Senhora dos Agonizantes da Igreja de São Roque (Carvalho, 2011: 99).

Sabemos que, em 1724, Pedro de Almeida desempenhou o cargo de escrivão na Casa dos Vinte e Quatro, tendo exercido o mesmo cargo uma segunda vez, em 1732 (Carvalho, 2011: 100).

Reconhecemos Pedro de Almeida referenciado como “Mestre azulejador” apenas na terceira década do século XVIII, nomeadamente enquanto testemunha no casamento de Gaspar Gonçalves dos Reis⁵³ com Ana Maria Coutinha, celebrado em 15 de junho de 1730, na igreja da Encarnação, em Lisboa; no casamento de António da Cunha⁵⁴ com Leonarda do Espírito Santo, celebrado em 9 de junho de 1731, na referida igreja da Encarnação; e no casamento de José da Anunciação⁵⁵ com Maria Teresa Caetana, celebrado em 27 de agosto de 1733, na dita igreja.

Constatamos a presença de Pedro de Almeida, em 2 de setembro de 1736, na votação entre ladrilhadores, enquanto juiz da bandeira, para que “se acrescentase este regimento com novos capitulos que focem convenientes ao bem comum”, sendo juizes do ofício José da Costa e João Antunes (Carvalho, 2011: 88-89).

Em 1737, Pedro de Almeida, do ofício de ladrilhador, era juiz do povo de Lisboa, conforme se reconhece nos elementos que incorporavam uma consulta da câmara de Lisboa ao rei, em 26 de outubro de 1735 (Oliveira, 1903: 97-98).

Pedro de Almeida⁵⁶ veio a falecer em 20 de janeiro de 1738, afirmando-se no registo de seu óbito que “Deixou quatro filhos, foy sepultado na Igreja de Nossa Senhora de Jezus, e não fes testamento”. Sua esposa, Antónia Maria⁵⁷ veio a falecer muitos anos mais tarde, em 10 de setembro de 1751.

45. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia das Mercês [1622-1831], Livro O1, Caixa n.º 30, assento n.º 3, fl. 157v.

46. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia das Mercês [1622-1831], Livro O1, Caixa n.º 30, assento n.º 7, fl. 170v.

47. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia da Encarnação [1703-1720], Livro B10, Caixa n.º 3, assento n.º 5, fl. 44v.

48. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia da Encarnação [1703-1720], Livro B10, Caixa n.º 3, assento n.º 1, fl. 86v.

49. Salientamos o facto de que na “Folha das pessoas que trabalharam nos Paços da Ribeira e a quem se deu luto pelo falecimento da rainha D. Catarina de Bragança. Lisboa, 12 de Janeiro de 1706”, surgir a seguinte referência: “Ao Aprendiz de Architectura Jozeph Rodrigues Ramalho doze Couados” (Coutinho, 2010: 184-186).

50. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia da Encarnação [1703-1720], Livro B10, Caixa n.º 3, assento n.º 2, fl. 104.

51. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia da Encarnação [1703-1720], Livro B10, Caixa n.º 3, assento n.º 2, fl. 126.

52. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia da Encarnação [1703-1720], Livro B10, Caixa n.º 3, assento n.º 3, fl. 240v.

53. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia da Encarnação [1729-1736], Livro 7, Caixa n.º 16, assento n.º 1, fl. 78v.

54. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia da Encarnação [1729-1736], Livro 7, Caixa n.º 16, assento n.º 1, fl. 109.

55. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia da Encarnação [1729-1736], Livro 7, Caixa n.º 16, assento n.º 1, fl. 197.

56. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia da Encarnação [1736-1754], Livro O11, Caixa n.º 27, assento n.º 5, fl. 52.

57. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia da Encarnação [1736-1754], Livro O11, Caixa n.º 27, assento n.º 4, fl. 278.

Sabemos que este mestre ladrilhador teve vários irmãos, entre os quais destacamos Francisco de Almeida e José de Almeida. O primeiro,⁵⁸ também chamado de Francisco de Almeida Carvalho, foi batizado em 26 de fevereiro de 1679, tendo casado em 26 de junho de 1702 com Madalena da Paz,⁵⁹ filha de Sebastião Dias e de Francisca de Abreu, moradora em casa de Cristóvão da Cunha, na rua da Trombeta. Deste casamento nasceram, entre outros, Cristóvão,⁶⁰ que foi batizado em 1 de junho de 1705. Madalena da Paz⁶¹ veio a falecer em 1 de setembro de 1742.

O outro irmão, José de Almeida,⁶² pintor, contraiu matrimónio, em 1 de junho de 1703, com Josefa Maria, filha de Rafael Botado de Almeida e de Maria da Silva natural da vila de Atouguia, tendo assistido como padrinho o pintor Manuel da Paz e Silva e o boticário Francisco Gomes da Fonseca. José de Almeida⁶³ veio a falecer em 19 de janeiro de 1730 e sua esposa, Josefa Maria,⁶⁴ em 25 de dezembro de 1738.

Conhecem-se ainda mais dois irmãos de Pedro de Almeida, um dos quais de nome João, que foi batizado em 8 de setembro de 1681,⁶⁵ e o já referido António de Abreu, ladrilhador.

Respeitante a Pedro de Almeida, mestre ladrilhador, morador na cidade de Lisboa Ocidental, é ainda uma procuração lavrada em 23 de janeiro de 1723 por parte da viúva do capitão Sebastião Vaz Domingos, D. Antónia de Jesus, assistente em São Mamede, para que pudesse ser ajustada a aquisição de umas casas a Maria da Luz, viúva de Francisco dos Santos, ladrilhador, residente nessa cidade.⁶⁶

O mesmo surge como testamenteiro de Francisco dos Santos, ladrilhador da cidade de Lisboa, que faleceu na freguesia de Santa Catarina, em 10 de janeiro de 1722.⁶⁷

No que respeita às obras efetuadas por Pedro de Almeida que se encontram documentadas, conhece-se o registo de despesa da confraria de Nossa Senhora do Rosário da Igreja de Nossa Senhora do Rosário das Caldas da Rainha, entre janeiro de 1731 e julho de 1732: “Pedro de Almeida mestre azelegador que veyo de Lixboa a tomar a medida da igreja para o azolejo tres mil e dozentos reis”.⁶⁸

Tenhamos presente que a ligação de Pedro de Almeida, ladrilhador, à família de Francisco dos Santos⁶⁹ – o *mestre pintor de azulejo* da cidade de Lisboa que contratualizou a execução dos azulejos da Igreja de S. Sebastião de Peniche, em 22 de abril de 1718, com os oficiais da Confraria de Nossa Senhora da Conceição de Peniche –, poderá ser reveladora de uma parceria entre ambos, que no início da segunda década do século XVIII se encontravam a executar trabalhos para diversas confrarias na região das Caldas da Rainha e de Peniche (Portela, 2015: 17).

De igual modo, deveremos estar atentos e procurar explorar, como possibilidades de investigação, as ligações familiares e de amizade entre ladrilhadores, entalhadores e pintores, como sejam os casos de amizade entre o ladrilhador Pedro de Almeida e o entalhador José Rodrigues Ramalho, ou dos pintores José Almeida – irmão de Pedro de Almeida –, e Manuel da Paz e Silva, entre outros mais exemplos.

58. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia das Mercês [1622-1685], Livro B1, Caixa n.º 1, assento n.º 4, fl. 132.

59. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia da Encarnação [1694-1708], Livro 4, Caixa n.º 15, assento n.º 2, fl. 173v.

60. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia da Encarnação [1703-1720], Livro B10, Caixa n.º 3, assento n.º 3, fl. 35.

61. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia das Mercês [1622-1831], Livro O1, Caixa n.º 30, assento n.º 1, fl. 73.

62. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1695-1707], Livro C6, Caixa n.º 34, assento n.º 1, fl. 214.

63. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia do Socorro [1720-1738], Livro O4, Caixa n.º 28, assento n.º 2, fl. 92.

64. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia do Socorro [1720-1738], Livro O4, Caixa n.º 28, assento n.º 1, fl. 180.

65. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia das Mercês [1622-1685], Livro B1, Caixa n.º 1, assento n.º 3, fl. 164.

66. Arquivo Distrital de Leiria, Livro Notarial de Óbitos, Dep. V-90-E-34, fls. 1-1v.

67. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1698-1724], Livro O7, Caixa n.º 55, assento n.º 3, fl. 161, documento publicado em (Portela, 2015: 17).

68. Arquivo Distrital de Leiria, Confraria de Nossa Senhora do Rosário, Livro de Receita e Despesa da Irmandade do Rosário [1710-1739], Dep. VI-2-B-5, fl. 111. Esta referência documental inédita foi publicada em (Portela, 2015: 17). Todavia, Rosário Salema transcreve, em 2011, de um contrato celebrado em 16 de maio de 1733, um excerto desse documento onde Pedro de Almeida ajustou “azulejar a igreja de N^o S^o do Rosario da Vila das Caldas da Rainha de azulejo de brutesco com passos da Vida da Senhora guarnecida com seus ornatos, conforme planta que ele dito mestre apresentou”, pela quantia de 38 000 réis o milheiro assentado (Carvalho, 2011: 100). Vítor Serrão (2012: 194) volta a publicar também um excerto desse documento e, nesse mesmo ano, Rosário Salema de Carvalho (2012: 82) transcreve novamente, do mesmo contrato, um excerto mais amplo.

69. É de realçar que em 1707 e 1710 Francisco dos Santos, filho de Domingos Francisco, surge como dirigente da oficina (Olaria e forno) da travessa do Benedito da freguesia de Santa Catarina em Lisboa (Correia, 1918: 178).

O LADRILHADOR MATIAS BATISTA LISBOA⁷⁰

São poucos os dados conhecidos sobre a vida de Matias Batista Lisboa,⁷¹ que reconhecemos enquanto testemunha, com a designação de ladrilhador, no registo de casamento de Manuel Ribeiro, filho de Pedro Francisco e de sua mulher Catarina Ribeiro, com Jerónima Avenes, filha de Agostinho Avenes e de sua mulher Brites Falcata, celebrado em 1 de agosto de 1671, na Igreja de Santa Catarina em Lisboa. Nesse mesmo registo surge também como testemunha o oleiro Miguel de Azevedo, o que demonstra a importância quer das ligações familiares, quer das ligações profissionais.

De igual modo, no registo de casamento de Dionísio Correa,⁷² filho de José Correa e de Antónia Soares, com Ana José, filha de Francisco Ferreira e de Madalena da Costa, celebrado em 10 de dezembro de 1687, Matias Batista Lisboa, ladrilhador, surge referenciado enquanto testemunha, morador aos Poiais de São Bento, figurando também nesse ato, José Ferreira, pintor, irmão da contraente.

Em 1680, enquanto morador na rua Direita dos Poiais de São Bento, Matias Batista Lisboa surge referido enquanto testamento de D. Maria Falcoa da Silva (Simões, 2002: 217).

Deve-se a José António Falcão a publicação do contrato lavrado em 20 de setembro de 1681, subs-

crita em vereação pela Câmara de Montemor-o-Novo e Matias Batista Lisboa, em que se refere que este, “oficial de soleia/dor o qual se obrigou a soleiar a capella / do Senhor São Bartholomeu sita na Igreja matris de Nossa Senhor [sic] do Bispo, de que / he administrador a Camera desta villa / e se obrigou a fazer a dita obra de soleio / de obra de el Rey com o seu Banco de // De obra de Baiam e as fahcas como lhe / a elle pareser; e o teto de azuzena de / aRozal com os seus perfis de brastas / e o preso de toda esta obra faria per / preso de seis mil reis a brasa pondo / per sua comta a cal e area e todos / os carretos e tudo que mais necessario / for e o arco azoleiado de azuleria de / Rozal d asusena fachas as que o mes / tre lhe pareser mais convenientes / e o frontespicio [sic] da mesma forma; pello / mesmo presso; e o frontal de burtesco / com sua llargas e lastro em sima por / preso de oito mil e quinhentos reis / per barsa e não a tendo se abatera / aquillo que tiver de menos e os a / lizares que levar o dito frontal / lhe pagarão per oitenta reis cada hum / seno da marca costumada o qual / solleio hum e outro serão bons de Rece / ber conforme o azul e amarello que / ouver na terra de bom e bem asentado” (Falcão, 1990: 156-158).

Matias Batista Lisboa volta a ser referido, em 3 de fevereiro de 1686, como testemunha na aprovação do testamento de Domingos Jorge, oleiro, tendo sido arrolado como ladrilhador (Simões, 2002: 31-32).

O LADRILHADOR DIONÍSIO DE ARAÚJO⁷³

Filho de Manuel de Araújo e de Antónia da Silva, Dionísio de Araújo⁷⁴ contraiu matrimónio em 14 de setembro de 1698 com Ângela Maria, filha de Manuel Duarte e de Maria Rodrigues. O seu pai, Manuel de Araújo,⁷⁵ era filho de Baltasar de Araújo

e de Isabel da Costa, natural da freguesia de São Vicente de Fora em Lisboa, tendo casado em 29 de abril de 1638 com Antónia da Silva, filha de Baltasar Dias e de Antónia Correa.

70. Relevante referir que só em 1681 surge referido na documentação como “oficial de soleia/dor”.

71. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1659-1672], Livro C3, Caixa n.º 33, assento n.º 1, fl. 118.

72. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1684-1695], Livro C5, Caixa n.º 34, assento n.º 1, fl. 78.

73. Relevante referir que em 1707 surge referido como “Dionísio de Araújo oficial de azulejador” (Carvalho, 2012: 63-64).

74. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia dos Anjos [1692-1719], Livro C3, Caixa n.º 24, assento n.º 2, fls. 113-113v.

75. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia dos Anjos [1635-1666], Livro C1, Caixa n.º 24, assento n.º 1, fl. 137.

Sabemos também que Ângela Maria⁷⁶ foi batizada em 28 de fevereiro de 1677, tendo seus pais, Manuel Duarte, filho de Manuel Duarte e de Maria Gomes, e Maria Rodrigues, filha de Pedro Fernandes e de Maria Rodrigues, contraído matrimónio em 4 de outubro de 1671.⁷⁷

Dionísio de Araújo surge como ladrilhador em 18 de janeiro de 1696, aquando da sua inscrição na Irmandade de Santa Cruz e Passos da Graça (Sales, 1925: 225).

Da união de Dionísio de Araújo com Ângela Maria nasceram os seguintes filhos, Maria,⁷⁸ que foi batizada em 28 de fevereiro de 1700; Francisco,⁷⁹ que foi batizado em 26 de dezembro de 1701; Antónia,⁸⁰ batizada em 29 de outubro de 1704; Rosa,⁸¹ batizada em 7 de fevereiro de 1707 e João,⁸² batizado

em 2 de junho de 1709 e que se chamou João de Araújo,⁸³ tendo falecido solteiro em 27 de novembro de 1727.

Em 1707, surge arrolado no Livro da Devassa da Visita à Cidade de Lisboa, da seguinte maneira: “Angella Maria cazada com Dionisio de Araujo oficial de azulejador m.or na travessa dos Mayos de id. De trinta annos fei.da jurada aos Ssos Sacram.os em que poz sua mão direita e prometeo dizer a verd.” (Carvalho, 2012: 63-64).

Ângela Maria⁸⁴ veio a falecer em 14 de novembro de 1721, tendo sido sepultada no Convento de São Francisco da cidade de Lisboa. Pouco tempo depois, e em 16 de junho de 1723, Dionísio de Araújo,⁸⁵ contraiu matrimónio com Bárbara da Conceição filha de Manuel Antunes, e de Joana Ferreira.

O OLEIRO MIGUEL DE AZEVEDO

Miguel de Azevedo,⁸⁶ filho de Francisco Rodrigues e Maria Antunes, foi batizado na paróquia de Santo Antão em Évora, em 15 de maio de 1653.⁸⁷ Não sabemos quando veio para a cidade de Lisboa, mas casou em 3 de fevereiro de 1676⁸⁸ na paróquia de Santa Catarina, com Benta Maria, irmã de Manuel dos Santos (e portanto filha de João Francisco e de Cipriana Luís), que nessa data contava apenas com 14 anos. Em 1677 trabalhava como aprendiz na olaria do seu sogro em Lisboa (Coutinho et al., 2011: 1-62).

Miguel de Azevedo⁸⁹ surge aludido como oleiro, em 1 de agosto de 1677, enquanto testemunha do matrimónio de Manuel Ribeiro com Jerónima Avenes, surgindo nesse ato, também como testemunha, o ladrilhador Matias Batista Lisboa. De igual modo, em 10 de janeiro de 1695, surge arrolado como oficial de oleiro,⁹⁰ juntamente com o pintor Manuel Francisco, enquanto testemunhas no casamento de António Gonçalves e de Teresa Maria.

76. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia dos Anjos [1656-1678], Livro B2, Caixa n.º 2, assento n.º 1, fl. 262v.

77. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia dos Anjos [1666-1692], Livro C2, Caixa n.º 24, assento n.º 1, fl. 73v.

78. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia dos Anjos [1690-1710], Livro B4, Caixa n.º 3, assento n.º 3, fl. 166v.

79. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia dos Anjos [1690-1710], Livro B4, Caixa n.º 3, assento n.º 3, fl. 201v.

80. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia dos Anjos [1690-1710], Livro B4, Caixa n.º 3, assento n.º 2, fl. 253.

81. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia dos Anjos [1690-1710], Livro B4, Caixa n.º 3, assento n.º 5, fl. 298v.

82. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Batismos da Paróquia dos Anjos [1690-1710], Livro B4, Caixa n.º 3, assento n.º 2, fl. 341.

83. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia dos Anjos [1716-1740], Livro O3, Caixa n.º 36, assento n.º 1, fl. 99v.

84. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia dos Anjos [1716-1740], Livro O3, Caixa n.º 36, assento n.º 2, fl. 40.

85. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia dos Anjos [1719-1733], Livro C4, Caixa n.º 25, assento n.º 1, fl. 61v.

86. Em (Carvalho, 2012: 97-98) há dúvidas sobre haver um ou mais artífices com este nome, dúvidas essas que são agora dissipadas, com o conjunto de documentação apresentada. Os documentos que referiremos relativos à genealogia de Miguel de Azevedo encontram-se publicados em (Portela, 2017: 9).

87. Arquivo Distrital de Évora, Livro de Batismos da Paróquia de Santo Antão [1648-1656], Livro 15, Caixa n.º 5, assento n.º 4, fl. 77.

88. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1672-1684], Livro C4, Caixa n.º 34, assento n.º 1, fl. 77v.

89. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santa Catarina [1672-1684], Livro C4, Caixa n.º 34, assento n.º 1, fl. 118.

90. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia dos Anjos [1692-1719], Livro C3, Caixa n.º 24, assento n.º 2, fls. 46v-47.

Anos mais tarde, em 3 de maio de 1704, voltamos a ter notícia de Miguel de Azevedo como morador ao *Pé do Monte*, na freguesia dos Anjos, sendo então testemunha no casamento de Manuel Ferreira com Maria da Costa.⁹¹

No contexto deste trabalho conseguimos localizar o registo de óbito de Miguel de Azevedo, o qual veio a falecer em Lisboa, na freguesia dos Anjos, em 10 de novembro de 1711.⁹² De igual modo, reconhecemos que sua esposa, Benta Maria, morreu em 31 de agosto de 1741.⁹³

A leitura do testamento de Miguel de Azevedo, lavrado em 30 de outubro de 1711, veio documentar vários nomes de oficiais – “Phelipe Neri e Antonio dos Santos e Antonio Antunes e Luis Gomes e Antonio de Araujo oficiais delle Miguel de Azevedo” – os quais trabalharam na sua oficina; esclarecendo que o mesmo passou a dispor de uma olaria própria em determinado período da sua vida, a qual manteve até ao seu falecimento.⁹⁴

As relações pessoais e familiares entre alguns membros destas famílias atestam a relevância profissional dos

seus vários elementos. Nesse sentido, facilmente se compreende o trabalho desenvolvido por Manuel dos Santos, pintor de azulejos, e Miguel de Azevedo, oleiro, que sendo provenientes de famílias distintas, se cruzaram também no percurso profissional. Ambos surgem, por exemplo, em 1709, concertados com António Correia da França⁹⁵ para executar uma certa quantidade de azulejos para o revestimento das escadarias do Palácio Azevedo Coutinho, em Lisboa.⁹⁶

As relações de amizade entre o ladrilhador Matias Batista Lisboa, o pintor de azulejos Manuel dos Santos e o oleiro Miguel de Azevedo, podem estar na origem das diversas empreitadas artísticas levadas a efeito por estes mestres na região de Montemor-o-Novo, sobretudo na produção dos azulejos para a Capela de São Bartolomeu, na Igreja de Santa Maria do Bispo, efetuada por Matias Batista Lisboa (Falcão, 1990: 137-174), na execução dos azulejos, em 1706, para o convento dos Congregados de Estremoz, por Manuel dos Santos (Espanca, 1968/69: 90), ou mesmo na execução dos azulejos para a Igreja da Misericórdia de Olivença, assinados por Manuel dos Santos.

EM SÍNTESE

Os elementos aqui apresentados contribuem para o conhecimento mais aprofundado, principalmente do ponto de vista da genealogia, de ladrilheiros (6) e oleiros (2) ativos na Lisboa seiscentista e setecentista.

A revelação destes dados alicerçados em documentos inéditos ou já conhecidos da historiografia (mas que

não foram transcritos nem integralmente referenciados) contribui, acima de tudo, para um maior conhecimento das suas biografias e para o enriquecimento do conhecimento da história da azulejaria portuguesa nos séculos XVII e XVIII.

91. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Casamentos da Paróquia de Santos-o-Velho [1696-1706], Livro C6, Caixa n.º 40, assento n.º 3, fls. 115-115v.

92. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia dos Anjos [1687-1716], Livro O2, Caixa n.º 36, assento n.º 2, fl. 223v.

93. A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santa Catarina [1721-1749], Livro O1, Caixa n.º 54, assento n.º 3, fl. 47v.

94. Este testamento encontra-se citado por (Carvalho, 2012: 97), e publicado por (Portela, 2017d: 9).

95. António Correia da Franca foi casado com D. Ângela Francisca de Melo, morador no Arco do Chanceler, tendo falecido em 7 de maio de 1729, A.N.T.T., A.D.L., Livro de Óbitos da Paróquia de Santo Estevão [1728-1749], Livro O5, sem Caixa, assento n.º 1, fl. 6.

96. Relembramos que o documento relativo à execução do revestimento dessa escadaria foi referido por Jorge Brito e Abreu num *Encontro sobre Preservação e Tratamento do Azulejo* em março de 1988, tendo sido parcialmente transcrito, em 2012, por Rosário Salema de Carvalho (2012: 303 e 370), e transcrito na sua totalidade, em 2014, por Fernando M. Peixoto Lopes e Margarida Almeida Bastos (2014: 332-340). Tanto Rosário Salema de Carvalho, em 2012, como Fernando M. Peixoto Lopes e Margarida Almeida Bastos, em 2014, afirmam que Manuel dos Santos tinha um filho chamado Joaquim. Na realidade, Joaquim é filho de José da Costa, conforme se pode facilmente comprovar pela leitura atenta e cuidada do documento de recebimento transcrito. Sobre a utilização do azulejo como elemento decorativo integrado nos interiores das casas senhoriais, veja-se (Correia, 2014: 155-174).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASTOS, Artur Magalhães – *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do século XV ao século XVIII*. Porto: Câmara Municipal do Porto, 1964.
- CARVALHO, Rosário Salema de – “O regimento do ofício de ladrilhadores da cidade de Lisboa”. *Revista de Artes Decorativas*. 5 (2011), 79-105.
- – *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]: autorias e biografias – um novo paradigma*. Lisboa, 2012. (Tese de doutoramento).
- CORREIA, Ana Paula Rebelo – “Iconografia nos revestimentos de azulejos da casa senhorial no século XVIII em Lisboa”. MENDONÇA, Isabel (coord.) – *Casas senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores. Estudos luso-brasileiros em arte, memória e património*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Universidade Nova de Lisboa / Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014, 155-174.
- CORREIA, Vergílio – “Azulejadores e pintores de azulejos, de Lisboa”. *A Águia*. 77 e 78, 2ª série, (1918), 167-178.
- COUTINHO, Maria João Fontes Pereira – *A Produção Portuguesa de Obras de Embutidos de Pedraria Portuguesa (1670-1720)*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010. (Tese de doutoramento).
- COUTINHO, Maria João Pereira. FERREIRA, Sílvia – *Artistas e Artífices da Lisboa Barroca. A Irmandade de Nossa Senhora da Doutrina da Igreja de São Roque*. Lisboa: Esfera do Caos Editores, 2014.
- COUTINHO, Maria João Pereira. FERREIRA, Sílvia. FLOR, Susana Varela. SERRÃO, Vítor – “Contributos para o conhecimento dos pintores de Lisboa na época barroca (1664-1720)”. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, 96, 1.º Tomo, Série IV, 2011, 1-62.
- ESPANCA, Túlio – “Miscelânea Alentejana”. *A Cidade de Évora, anos XXV-XXVI*. 51-52 (1968-1969), 59-173.
- FALCÃO, José António – “Acerca das obras de reconstrução da Igreja de Santa Maria do Bispo, de Montemor-o-Novo, em 1693 e 1717”. *Almorsor*, (1990), 137-174.
- FLOR, Susana Varela – “As relações artísticas entre pintores a óleo e de azulejo perspectivadas a partir da oficina de Marcos da Cruz (A. 1637-1683)”. *ARTIS – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa*. 9/10 (2010/2011), 291-307.
- FLOR, Susana Varela e FLOR, Pedro – *Pintores de Lisboa, séculos XVII e XVIII. A Irmandade de São Lucas*. Lisboa: Scribe, Produções Culturais, 2016.
- LOPES, Fernando M. Peixoto. BASTOS, Margarida Almeida – “Os azulejos de Manuel dos Santos na escadaria nobre do Palácio Azevedo-Coutinho”, *Revista de História da Arte*. 11 (2014), 332-340.
- MANGUCCI, Celso – “Olarias de Louça e Azulejo da Freguesia de Santos-o-Velho: dos meados do século XVI aos meados do século XVIII”. *Al-Madan – Arqueologia, Património e História Local*, 5 II.º série (1996), 155-168.
- MECO, José – “O pintor de azulejos Manuel dos Santos: definição e análise da obra”. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*. 86 (1980), 75-158.
- OLIVEIRA, Eduardo Freire de – *Elementos para a História do Município de Lisboa*. 1.º Parte, Tomo XIII. Lisboa: Typographia Universal, 1903.
- PORTELA, Miguel – “A Azulejaria em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Novos dados sobre Miguel de Azevedo”. *O Figueiroense*, Edição compartilhada com *O Ribeira de Pera*. 41 (16 de dezembro de 2017d), 9.
- – “A Azulejaria em Portugal nos séculos XVII e XVIII: O mestre ladrilhador Pedro de Almeida”. *Jornal da Golpilheira*. 242 (agosto – 2017c), 21.
- – “À (re)descoberta do mestre azulejador e ladrilhador António de Abreu”. *O Figueiroense*, Edição compartilhada com *O Ribeira de Pera*. 37 (16 de agosto de 2017b), 9.
- – “A Azulejaria em Portugal nos séculos XVII e XVIII: dados genealógicos dos mestres Manuel dos Santos e Miguel de Azevedo”. *O Figueiroense*, Edição compartilhada com *O Ribeira de Pera*. 36 (16 de julho de 2017a), 9.
- – “A Azulejaria em Portugal nos séculos XVII e XVIII: Manuel Clemente, mestre ladrilhador”. *ARTIS – Revista de História da Arte e Ciências do Património*. 4 (2016d), 124-125.
- – “Teotónio dos Santos: Mestre dos Azulejos da Igreja de S. João Batista de Figueiró dos Vinhos”. *Jornal da Golpilheira*. 231 (setembro – 2016c), 21.
- – “Manuel da Silva mestre dos azulejos da Igreja de Nossa Senhora da Ajuda de Peniche. Contributo documental inédito”. *O Figueiroense*. Edição compartilhada com *O Ribeira de Pera*. 24 (16 de julho de 2016b), 8-9.
- – “Francisco dos Santos, mestre dos azulejos da Igreja de S. Sebastião de Peniche: da atribuição à contratualização – Contributo documental inédito”. *Jornal da Golpilheira*. 228 (junho – 2016a), 25.
- – “As obras setecentistas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário das Caldas da Rainha”. *Jornal da Golpilheira*. 221 (novembro de 2015), 17.
- SALES, Ernesto Augusto Pereira de – *Nosso Senhor dos Passos da Graça (de Lisboa): estudo histórico da sua irmandade com o título de “Santa Cruz e Passos”*. Lisboa: Edição do autor, 1925.
- SEQUEIRA, Gustavo de Matos – *O Carmo e a Trindade*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1939.
- SERRÃO, Vítor – “O “brutesco nacional” e a pintura de azulejos no tempo do Barroco (1640-1725)”. *Um Gosto Português. O uso do azulejo no século XVII*. Lisboa: MNAz/Babel, 2012, pp. 183-200.
- SERRÃO, Vítor – *História da Arte em Portugal – O Barroco*. Barcelona: Editorial Presença, 2003.
- SIMÕES, João Miguel Ferreira Antunes – *Arte e Sociedade na Lisboa de D. Pedro II – ambientes de trabalho e mecânica do mecenato*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002. 3 Vols. (Dissertação de mestrado).
- TEIXEIRA, Francisco Augusto Garcez – *A Irmandade de São Lucas, Corporação de Artistas. Estudo do seu Arquivo*. Lisboa: Imprensa Beza, 1931.
- TRINDADE, Rui André Alves – *Revestimentos Cerâmicos Portugueses. Meados do século XIV à primeira metade do século XVI*. Lisboa: Edições Colibri e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Novas de Lisboa, 2007.